

MORADAS DA MEMÓRIA

O caso da Horta do Seu Zé e da Dona Laíde
em Foz do Iguaçu/PR

GABRIELA BATISTA DA SILVA



Elementos Gráficos do Acervo
da Plataforma Canva.com

MORADAS DA MEMÓRIA

**O caso da Horta do Seu Zé e da Dona Laíde
em Foz do Iguaçu/PR**

GABRIELA BATISTA DA SILVA



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE TECNOLOGIA,
INFRAESTRUTURA E TERRITÓRIO (ILATIT)

ARQUITETURA E URBANISMO

**MORADAS DA MEMÓRIA
O CASO DA HORTA DO SEU ZÉ E DA DONA LAÍDE EM FOZ DO IGUAÇU/PR**

GABRIELA BATISTA DA SILVA

Foz do Iguaçu
2026



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE TECNOLOGIA,
INFRAESTRUTURA E TERRITÓRIO (ILATIT)

ARQUITETURA E URBANISMO

MORADAS DA MEMÓRIA
O CASO DA HORTA DO SEU ZÉ E DA DONA LAÍDE EM FOZ DO IGUAÇU/PR

GABRIELA BATISTA DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Latino-Americano de
Tecnologia, Infraestrutura e Território da
Universidade Federal da Integração Latino-
Americana, como requisito à obtenção do
título de Bacharel em Arquitetura e
Urbanismo.

Orientadora: Profa. Dra. Cecília M. de M. Machado Angileli
Coorientador: Prof. Fernando Carneiro Pires

Foz do Iguaçu
2026

GABRIELA BATISTA DA SILVA

Banca examinadora:

MORADAS DA MEMÓRIA
O CASO DA HORTA DO SEU ZÉ E DA DONA LAÍDE
EM FOZ DO IGUAÇU/PR

Profa. Dra. Cecília M. de M. Machado Angileli

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Latino-Americano
de Tecnologia, Infraestrutura e Território da
Universidade Federal da Integração Latino-
Americana, como requisito à obtenção do
título de Bacharel em Arquitetura e
Urbanismo.

Prof. Fernando Carneiro Pires

Orientadora: Profa. Dra. Cecília M. de M. Machado Angileli
Coorientador: Prof. Fernando Carneiro Pires

Profa. Dra. Patricia Zandonade

Foz do Iguaçu, 10 de Julho de 2026

Profa. Dra. Vanessa Rosa Machado



Elementos Gráficos do Acervo
da Plataforma Canva.com

Elementos Gráficos do Acervo
da Plataforma Canva.com

Dedico este trabalho às minhas avós, Anita (*em memória*) e
Eva, que carregaram e carregam em suas almas e
em seus dias, as memórias de suas terras natais.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a todos do mundo espiritual que me acompanham, especialmente a Deus, minhas mentoras e mentores espirituais, e aos meus familiares que lá estão. Somente eles sabem como foi para eu chegar até aqui, tudo que vivenciei, tudo que senti, as alegrias, as tristezas, as conquistas, os perrengues, foi tudo muito intenso, me transformou completamente, moldou quem sou hoje e eu agradeço a eles pelo amparo, compreensão, força e tudo mais que fizeram por mim. Minha fé em mim mesma e neles foi muito abalada ao longo desses anos, mas eles nunca desistiram de mim e eu agradeço muito por isso. Sem eles, com certeza eu não teria chegado até aqui, não importa o quanto eu agradeça, nunca será o suficiente, mas mesmo assim deixo aqui registrado meu muito obrigada!

Mãe e Pai, não tenho palavras para agradecer tudo que vocês fizeram ao longo desses 10 anos de graduação, vocês fizeram com que meu sonho fosse possível, muito obrigada por tudo e por tanto! Amo muito vocês!

Vó Eva e Vó Nita, muito obrigada por cuidarem de mim na infância, por me ensinarem sobre suas tradições e costumes do Ceará e da Bahia, hoje eu sou quem sou, porque vocês foram e são essenciais nas minhas memórias.

Tia Su, obrigada por ter sido a pessoa mais linda que eu poderia conhecer na vida, obrigada por me ensinar a gostar de música, de rádio, por mostrar seus filmes, séries, por me levar para viajar, obrigada por me mostrar o mundo. Obrigada por cuidar de mim, me educar e me ensinar tanto. Te amo pra sempre segunda mãezinha!

Obrigada Marta, por todo seu carinho, cuidado e dedicação, obrigada por me escutar e me acolher quando precisei, você é única! Te Amo!

Obrigada Maylinha por todo seu apoio e incentivo, te amo!

Obrigada aos meus primos Bruno e Nine, que foram minhas inspirações de coragem para sair de casa e morar longe da família, vocês me mostram as possibilidades que o mundo pode me oferecer.

Obrigada a toda minha família que sempre me incentivou, me apoio, se preocupou comigo e me ajudou nos mais diversos momentos, sou muito abençoada por ter vocês na minha vida! Amo todas as pessoas da nossa família! Gui, Bia, Tio Caio, Tio Junior, Tia Ivone e os pets também, como senti falta de vocês ao longo desses anos, Toby, João, Lua e Lola.

Obrigada Madrinha Cris, por todo apoio, pelos presentes e por todo carinho que sempre teve comigo.

Aquelas que foram companheiras de casa ao longo desses anos, obrigada pela paciência, pela amizade, pelo carinho e companheirismo, vocês foram importantes demais no meu dia a dia, muito obrigada Sol, Ana, Agatha e as suas famílias que sempre foram tão gentis comigo.

Obrigada aos amigos, amigas e colegas pelas trocas e momentos de descontração, Julia Lima, Karen, Dawson, Tais, Victor, Ju Mineira, Naomy, Rubia, Gustavo, Irene, Daysi, Lucy, Noelia.

Obrigada a minha irmãzinha de alma, Drim, que mesmo longe, está sempre torcendo por mim e eu por ela.

Agradeço aos idealizadores da UNILA, por me proporcionar a oportunidade de vivenciar uma universidade tão diversa, colorida e única, repleta de experiências novas, novos idiomas e culturas.

Muitíssimo obrigada a minha orientadora Cecília Angileli e ao meu coorientador Fernando Carneiro, por toda paciência, preocupação comigo e com meu trabalho, vocês foram incríveis no apoio e cuidado ao longo do processo!

Obrigada a todos aqueles e aquelas que foram docentes das disciplinas que frequentei, obrigada por todos os ensinamentos e por fazer parte dessa minha conquista.

Obrigada também aos TAES e terceirizados que fazem a UNILA funcionar todos os dias, muito obrigada pelo trabalho de cada um e uma.

Obrigada ao Baile Latino, principalmente Pablo e Katherine por me ensinarem salsa e bachata, fizeram das minhas sextas-feiras muito melhores e me proporcionaram momentos de muita descontração e relaxamento em meio a correria da graduação.

Aqueles que foram meus chefes/responsáveis nos estágios, Fernando, Ivan e José Ricardo, obrigada pelos ensinamentos e trocas.

Obrigada as minhas psicólogas, Paula e Daiane, e ao meu psiquiatra, Dr. Ricardo, graças a cuidado de você consegui vencer inúmeros desafios e chegar ao fim desse trabalho e dessa graduação.

E por fim quero agradecer a mim mesma. Quero agradecer a Gabi criança, que assistiu a casa da sua mãe sendo construída, foi esperta e curiosa por querer aprender sobre aquele mundo e sonhou que poderia ser arquiteta, teve medo, mudou de opinião várias vezes sobre a profissão que queria seguir, mas foi a primeira que ousou imaginar que a arquitetura poderia trazer felicidade. Quero agradecer a Gabi adolescente, que colocou na cabeça que queria estudar em uma universidade pública, mas ainda tinha

dúvidas com relação a profissão, fez o técnico de edificações e teve certeza da escolha, foi persistente e determinada para conquistar a vaga, mudou-se de estado, foi pra longe da família, não conhecia ninguém na nova cidade, mas estava mais feliz do que nunca. E por último, quero agradecer a Gabi adulta que cursou esses 10 anos de graduação com muitas dificuldades, muitas dores, mas também com muitos aprendizados e muitas boas lembranças. Muito obrigada Gabriela! Você conseguiu vencer mais essa etapa!



*“Na face do velho as rugas são letras [...]
O que os livros escondem, as palavras ditas libertam.
E não há quem ponha um ponto final na história.”*
Trecho do poema “Do velho ao jovem”,
de Conceição Evaristo.

Elementos Gráficos do Acervo
da Plataforma Canva.com

RESUMO

Este trabalho analisa a relação entre memória, território e direito à moradia a partir da trajetória da Horta do Seu Zé e da Dona Laíde, localizada em Foz do Iguaçu, Paraná, atualmente reconhecida como Comunidade Quilombola Horta do Seu Zé e da Dona Laíde. A pesquisa parte da compreensão de que o território para comunidades tradicionais ultrapassa sua dimensão física, constituindo-se como espaço de construção das memórias, da identidade, dos vínculos familiares, das práticas culturais, da produção de alimentos e da reprodução da vida. O objetivo consiste em demonstrar como os processos de remoção forçada representam violações de direitos humanos e comprometem a permanência desses modos de vida, evidenciando a importância da preservação das territorialidades quilombolas. Como metodologia, foram adotadas revisão bibliográfica, pesquisa documental, trabalho de campo, entrevistas com a Família Santos e levantamento histórico sobre a formação da comunidade e os conflitos fundiários vivenciados ao longo de sua trajetória. A pesquisa reconstrói a história da família desde sua chegada no Quilombo Apepu até a constituição da horta urbana, destacando sua contribuição para a produção agroecológica, a recuperação ambiental, a educação popular e a segurança alimentar na cidade de Foz do Iguaçu, bem como as mobilizações sociais, acadêmicas e institucionais em defesa da permanência da comunidade diante das ameaças de despejo.

Este trabalho reafirma a importância de arquitetos e arquitetas urbanistas aprenderem a ler as memórias inscritas nas paisagens populares, compreendendo-as como territórios vivos, tecidos pelas mãos, pelos corpos e pelas histórias de quem as habita. Como exercício sensível, aproxima-se da construção da paisagem quilombola e dos processos de aquilombamento da Comunidade Horta do Zé e da Laíde, localizada na região norte de Foz do Iguaçu. Por meio da história oral e de trabalhos de campo de caráter etnográfico, desvela uma paisagem autoconstruída a partir de práticas tradicionais, onde cada caminho aberto, cada horta cultivada e cada morada erguida guardam vestígios de memórias, afetos e resistências.

Como resultado, evidencia-se que a memória coletiva constitui elemento fundamental para o reconhecimento e a proteção dos direitos territoriais das comunidades tradicionais, reafirmando o papel da arquitetura e do urbanismo como instrumentos de promoção da justiça social, valorização do patrimônio cultural e fortalecimento das lutas pelo direito ao território.

Sem pretender esgotar essa experiência, o trabalho convida o leitor a desacelerar o olhar e a reconhecer a complexidade que habita o cotidiano aparentemente simples. Revela uma paisagem que não é apenas cenário, mas um organismo vivo, continuamente moldado pelas relações entre pessoas, terra e memória. É na persistência desses gestos cotidianos que se constrói a morada e se afirma a resistência de uma comunidade que faz da paisagem um modo de existir.

Palavras-chave: memória coletiva; comunidades quilombolas; território; direito à moradia; paisagem popular.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1: APEPU.....	21
CAPÍTULO 2: FOZ DO IGUAÇU.....	30
CAPÍTULO 3: A HORTA.....	33
CAPÍTULO 4: O QUILOMBO HORTA.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	75



INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é fruto de um trabalho em conjunto com a Comunidade Quilombola Horta do Seu Zé e da Dona Laíde, foi desenvolvida ao longo dos anos de 2022 e 2024. Este trabalho trata de analisar como o direito do território quilombola passa pelo resgate da memória de povos tradicionais que sofrem apagamentos históricos cotidianamente.

Através da investigação das especificidades das comunidades tradicionais e juntamente com o que as difere das comunidades não tradicionais, no caso das remoções forçadas, transpassando pelos temas do modo de viver, pela cultura, religião, vínculos familiares, alimentação, entre outros, pretendemos abordar as violações presentes nesses processos.

A escolha do tema foi realizada por diversas motivações, entre elas, o meu interesse em pesquisar sobre direito à moradia, arquitetura popular, autoconstrução e a relação entre a memória do ser humano e a sua moradia. Também pela oportunidade de desenvolver uma pesquisa com trabalho de campo e entrevistas, por serem elementos que considero que humanizam o trabalho acadêmico, além de que apresenta um tipo de realidade e uma forma de viver que muitas vezes é diferente da nossa, e sendo assim, nos ensina muito. E por fim, principalmente, e não menos importante, a vontade de realizar um trabalho que tenha relevância para a vida de alguém que esteja fora da universidade, mesmo que seja para uma única pessoa, pode ser como uma lembrança marcante ou algo que influencie no dia-a-dia, também não me importa a dimensão, apenas que tenha alguém externo colhendo algo dessa infinidade de palavras, argumentos teóricos e desenhos. Pois desejo que desde a finalização do meu ciclo da graduação, minhas pesquisas e meus trabalhos, sejam úteis e sempre que

possível voltados ao povo pobre das periferias.

Esta pesquisa visa contribuir com a visibilidade e a valorização de arquiteturas que não se encontram nos livros, conjuntamente com a importância de se respeitar os modos de morar de comunidades tradicionais, abordando portanto as violações implicadas nas remoções dessas pessoas dos seus locais de moradia. Sendo assim, esse trabalho colabora com a valorização da memória popular e com um caminho para repensarmos as práticas da arquitetura e do urbanismo, indo ao encontro da construção de conhecimento proposta pela UNILA e pelo CAU-UNILA.

A área de estudo desta pesquisa se encontra no Brasil, no estado do Paraná, na zona norte da cidade de Foz do Iguaçu, mais especificamente entre os bairros “Vila C Velha” e “Vila C Nova”. A horta da dona Laíde e do seu Zé foi escolhida primeiramente pelo meu contato inicial, durante o estágio não-obrigatório da graduação no ano de 2022, com o projeto alternativo às remoções da referida comunidade, proposto pela Escola Popular de Planejamento da Cidade (EPPC - UNILA), ficando sob minha responsabilidade rever os desenhos de implantação da horta e pensar em um espaço de memória, por demanda da própria família. Outro motivo foi o recente acontecimento dos fatos que são temas deste trabalho, iniciando em 2018 com o mandado de reintegração de posse requerido pela Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, momento no qual a EPPC realizou a intervenção em defesa da permanência da dona Laíde e da sua horta. E como último motivo, a relação pessoal que possuo com o bairro onde morei por 6 anos, e próximo do bairro onde moro atualmente, facilitando portanto, o acesso ao local de estudo.

Pretendo com este trabalho, demonstrar as tantas violações de direitos humanos implicadas nos despejos de comunidades quilombolas, com foco em territórios interioranos, por estarem estas comunidades conectadas ao local de moradia de diversas maneiras, seja fisicamente como abrigo, seja através dos alimentos produzidos como subsistência, seja pelo vínculo cultural passado de geração em geração sobre o cultivo da terra, seja pela memória que desperta algum tipo de vínculo religioso ou até mesmo espiritual; retirar forçosamente qualquer um desses aspectos da vida de um ser humano pode ser caracterizada como desrespeito à

constituição brasileira, visto que todas as pessoas têm direito a moradia, a alimentação e a manifestação cultural e religiosa. Além de que desejo evidenciar a importância da dona Laíde, do seu Zé e da horta para toda a comunidade da cidade de Foz do Iguaçu, através de fotos contar a história da família e também através de esboços de um projeto, que permitam com que a história, vida e trabalho se materializem em forma de um livro e de um espaço físico de memórias.



Encontro de estudantes e quilombolas para o desenvolvimento de um trabalho de resgate da memória local (10/09/2024). Foto por: Cecília Angileli



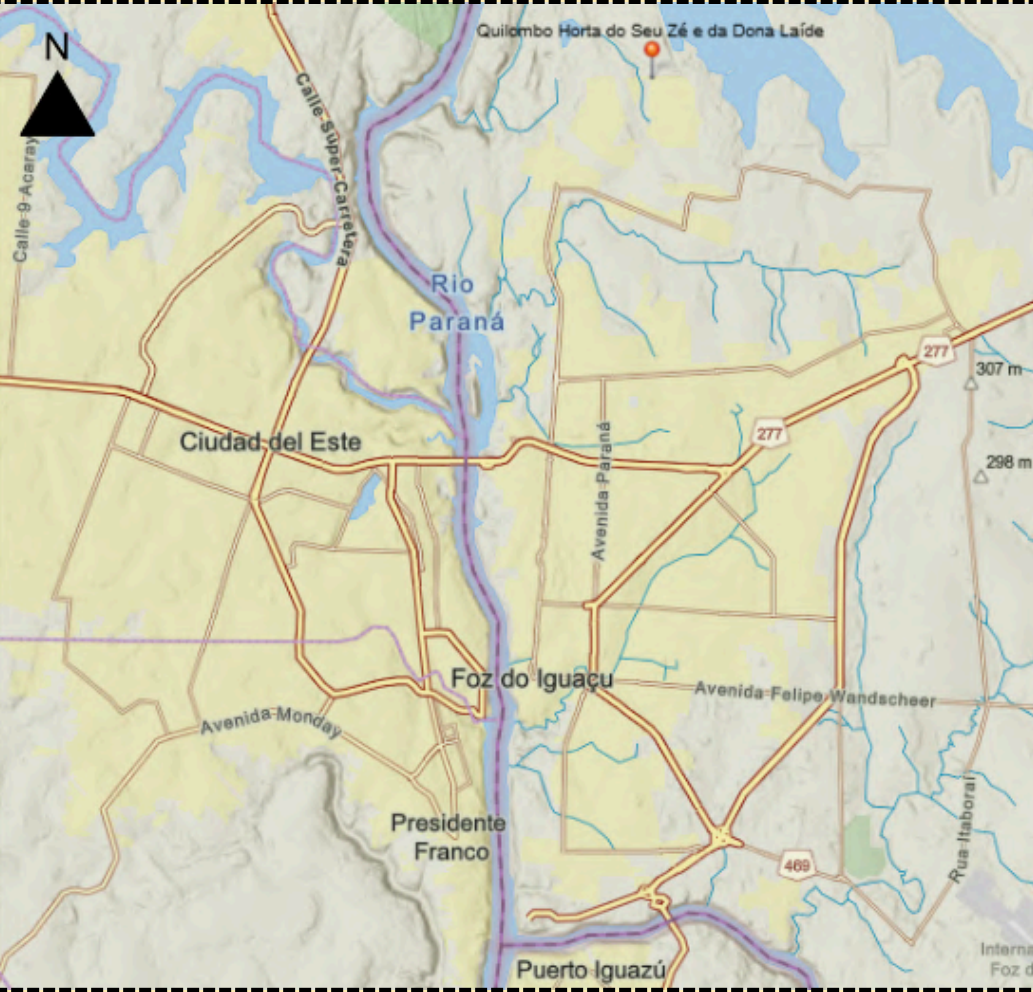
Gráfico 1 - Organograma da metodologia da pesquisa.
Fonte: Elaborado pela autora.

Localização Geográfica

O Quilombo Horta do Seu Zé e da Dona Laíde está localizado na cidade de Foz do Iguaçu, no oeste do estado do Paraná, na região da Tríplice Fronteira entre Brasil - Paraguai - Argentina, especificamente no Bairro de Itaipu C (antiga Vila C), no extremo norte do município (conforme imagens abaixo e ao lado).

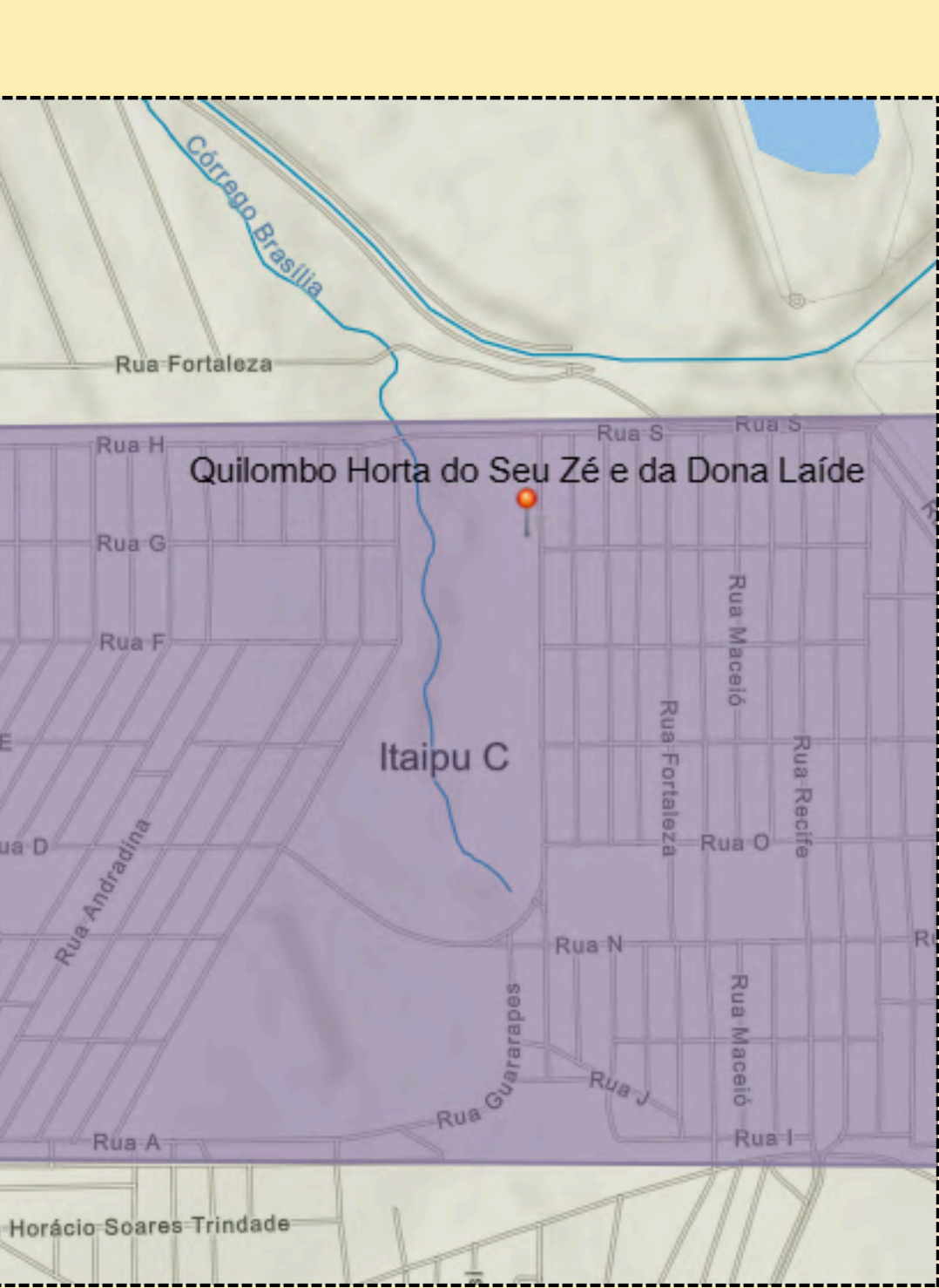


No canto superior direito, está em destaque a localização do estado do Paraná no Brasil. No lado esquerdo, está em destaque a localização da cidade de Foz do Iguaçu no oeste do estado do Paraná. Fonte: Wikipedia. Autor: Raphael Lorenzeto de Abreu.



Em destaque no ponto vermelho está localizado o Quilombo Horta do Seu Zé e da Dona Laíde ao norte da cidade de Foz do Iguaçu. Fonte: Mapa base Paraná Interativo, elaboração Gabriela Batista, 2026.

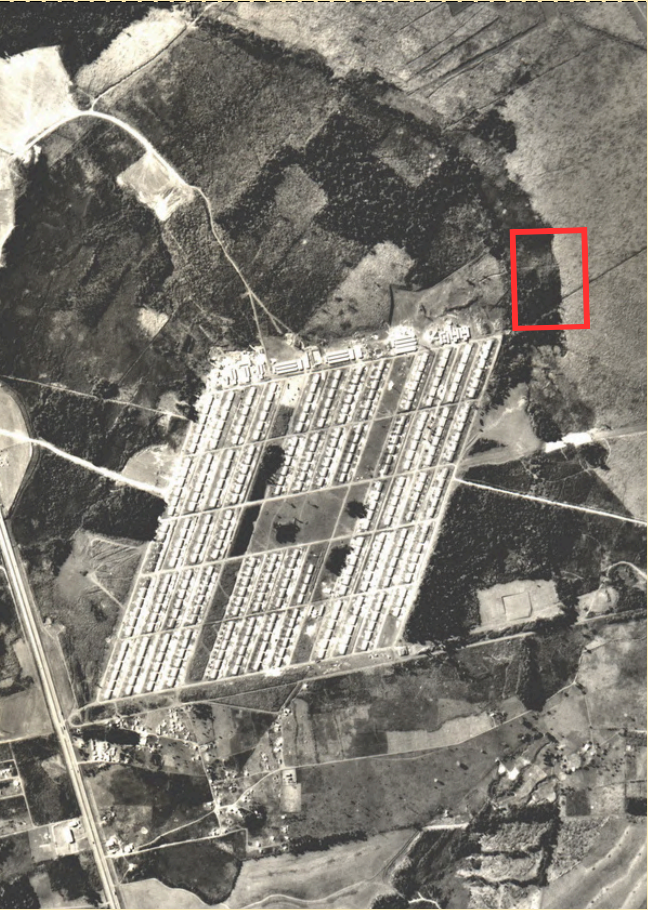
Situando-se dentro do perímetro urbano da cidade de Foz do Iguaçu e as margens do Córrego Brasília, dentro de uma gigante quadra arborizada, área essa que divide os antigos bairros de trabalhadores da Usina Hidrelétrica de Itaipu anteriormente conhecidos como Vila C Velha e Vila C Nova, em 2019 ambos os bairros foram unificados e nomeados como Itaipu C.



Vila C em 1977 - Imagem: Leticia Acosta Porto / Ecomuseu de Itaipu

Linha do Tempo em Imagens Aéreas

- Informações importantes:
- Os retângulos em vermelho destacam a área aproximada que, atualmente, é utilizada pelo Quilombo Horta do Seu Zé e da Dona Laíde.
 - Os tamanhos, formatos e orientações dos retângulos variam devido as escalas, distorções e inclinações das imagens aéreas originais.
 - As imagens originais foram apenas recortadas e reunidas pela autora deste trabalho.
 - Imagens originais dos anos de 1977, 1987, 1995 e 2001, obtidas no site da Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, no link: <https://sway.cloud.microsoft/nGF38nH9WZFC2Qm0?ref=Link>
 - Fonte das imagens dos anos 2014 e 2026: Google Earth e Google Maps, respectivamente.



1977 - Hidrelétrica Binacional de Itaipu em construção e bairro antes conhecido como “Vila C Velha” já habitado, ambos de 1975.



1987 - Dois anos antes da mudança da Família e início dos trabalhos da Horta do Seu Zé e da Dona Laíde.



1995 - Seis anos após a implantação da Horta com discreta recuperação ambiental graças aos cuidados da Família Santos.



2001 - Observamos em toda lateral direita e parte superior da imagem da quadra, casas que à época, formavam a Favela Aracaju.



2014 - Ano anterior do falecimento do Seu Zé e após a remoção de grande parte das casas da Favela Aracaju.



2026 - Com grande recuperação ambiental promovida pela Família do Quilombo Horta após 37 anos de implantação.



CAPÍTULO 1

APEPU

José João dos Santos (posteriormente conhecido como Seu Zé), nasceu em 1941, no município de São Geraldo, atualmente conhecido como Ubá - Minas Gerais, seu pai era João Antonio dos Santos e sua mãe era Maria Alves Rodrigues. Laíde Rufino dos Santos (posteriormente conhecida como Dona Laíde), nasceu em 1945, no município de Santo Antônio da Platina - Paraná, seu pai era João Rufino e sua mãe Lázara Maria de Jesus. O casal, José João e Laíde, se conheceu na cidade de Cambará - PR, depois que a família de José migrou para o estado, ambos trabalhavam nas lavouras da região desde muito jovens e se casaram em 1961. Após o casamento, passaram anos trabalhando muito e juntando dinheiro para comprar um pedaço de terra para a família. Em 1969, José João juntamente com seu irmão Emídio Antônio, viajaram pelo Paraná em busca dessa terra para compra, e receberam informações de que no oeste do estado haviam terras baratas disponíveis e ainda em mata, no município de São Miguel do Iguaçu - PR. Em 1970, os 3 irmãos, José João, Emídio Antônio e Sebastiana, compraram 15 alqueires de terra, 5 alqueires para cada um, do senhor Perron Vasques, terras essas, localizadas próximo ao perímetro do Parque Nacional do Iguaçu (PNI), na linha Guanabara. A família se muda para as terras no ano seguinte, 1971.



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos

Naquela região onde as terras foram compradas já morava uma família afrodescendente, a família Correia da Cruz, que reside na região desde o início do século XX, e que hoje é certificada pela Fundação Cultural Palmares como Comunidade Quilombola Apepu. As terras compradas naquela época pela família Santos, formam parte do que um dia foi todo território do Quilombo Apepu, que pela falta de escrituras de propriedade foram reivindicadas e negociadas com novos proprietários, como foi o caso de Perron Vasques, a partir do processo de colonização do oeste do Paraná.

Como dito anteriormente, as terras ainda estavam em mata virgem e foi necessário abrir caminho na mata para o caminhão entrar com a mudança da família, nesse processo a família pode contar com a ajuda de amigos e dos novos vizinhos. Iniciaram este caminho onde terminava a estrada de chão, pelo distrito Guanabara (em São Miguel do Iguaçu-PR). A primeira casa da família foi construída com sistema de pau a pique (que consiste em troncos rústicos em pé), inicialmente com um único cômodo, depois esse cômodo foi dividido ao meio, que se tornaram 2 quartos. Uma segunda casa com a mesma tipologia construtiva foi construída para o irmão de José, Emídio Antônio, também conhecido como Tio Vicente. Ambas as casas foram construídas nas terras pertencentes ao Tio Vicente. Nessa época a água consumida pelas famílias vinha da mina dos afluentes do Rio Apepu.

Nesta primeira casa da família moraram o casal José João e Laíde, com 6 filhos e filhas que tinham até a época, em ordem de nascimento, são eles e elas: José, Maria Aparecida, Jair, Elza, Maria Serrate, Rosania, e nessa casa nasceu o sétimo filho do casal, Edson.



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos

Naquela região muitas eram as famílias que plantavam parte para subsistência e o restante para venda, a família Santos fazia o mesmo. Plantavam algodão, feijão, milho, fumo, mandioca, batata, hortelã, losna, verduras, ervas medicinais e árvores frutíferas. Criavam animais, como galinhas, porcos, alguns cavalos, uma vaca e um burro.



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos

E como eram muitas as tarefas, os vizinhos trocavam trabalho por trabalho, uma família ajudando a outra. No processo de cultivo do algodão, por exemplo, tinham que fazer o preparo do solo, plantar as sementes, passar veneno para lagartas, fazer a raleação, depois a carpa e por último a colheita. Então depois que alguém terminava de colher a própria roça, ajudava o vizinho também na colheita e assim era em todos os processos. Os vizinhos e amigos que se ajudavam eram Dionísio, Francisco, José Botelho e o casal Sr. Lúcio e a Sra. Rosália Correia da Cruz que tinham uma família bem grande. E quando sobrava tempo ainda trabalhavam como boias-frias nas propriedades maiores da região, mas nesse caso o trabalho era remunerado.

Os filhos do casal frequentavam a escola rural da região, chamada Escola Tiradentes (Escola Parque), que abrangia o ensino primário, de 1ª a 4ª série (atual 2º ao 5º ano). A primeira construção dessa escola deu-se dentro da área que hoje é conhecida como Parque Nacional do Iguaçu (PNI).



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos

Da convivência e parceria entre as famílias, ocorreu o casamento de Elza dos Santos (filha de José e Laíde) e Orismar de Almeida (neto de Lúcio e Rosália), em 02/01/1988, deste relacionamento nasceram três filhos: Edione, Edemilson e Henrique (netos portanto, de José e Laíde). Entre outros casamentos entre os filhos de Seu José e Dona Laíde e os filhos de outros vizinhos.



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos

A família de José e Laíde era católica, religião que seguiam até morar no quilombo, quando José passou a frequentar a igreja evangélica junto de Neneton (filho de Sr. Lúcio), essa igreja se localizava no distrito Fazenda Guanabara. Após 2 ou 3 anos que apenas José frequentava a igreja, Dona Laíde também passou a frequentar a mesma. Abaixo a primeira Capela Católica da Região.



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Dona Laíde junto de Sr. Miguel Matias (sogro do irmão dela) era conhecida na região como a pessoa que aplicava injeção em quem precisava, pois ela tinha um conjunto de agulhas. Dona Maria Correia, esposa do Sr. Dário Correia (irmão de Lucio Correia), e Dona Maria da Luz (irmã de Lucio Correia) esposa de João Mendes, juntas preparavam ervas e faziam os benzimentos, usavam de chá de arruda, brasa na caneca de esmalte contra verme, entre outros conhecimentos. Os filhos e filhas do casal Santos foram benzidos algumas vezes por Dona Maria, segundo relata Dona Laíde. Dona Rosália, esposa do Sr. Lucio Correia, era a parteira da região, fez o parto de três filhos de Dona Laíde (Edson, Silvana e Vilani).

Em 1978, pensando em melhorar os ganhos da família, José João dos Santos foi para Foz do Iguaçu trabalhar na empresa CIE - Consórcio de Ingeniería Electromecánica S.A., na construção das casas da Vila B, que é uma das vilas construídas pela Usina Hidrelétrica de Itaipu para abrigar parte de seus funcionários, que no caso desta vila, eram os diretores de alto escalão responsáveis pela obra da usina, até hoje a Vila B é conhecida na cidade por ser um bairro de classe média alta, um condomínio fechado de alta segurança. Depois de trabalhar na construção dessas casas, José começou a trabalhar no Consórcio Unicon, que era responsável pela construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, como armador na obra da usina. Enquanto José morava no alojamento da obra com os demais trabalhadores, Laíde e os filhos continuavam no sítio, trabalhando na roça às margens do Rio Apepu.



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos

Em 1983, José parou de trabalhar no Consórcio Unicon e voltou ao sítio para trabalhar novamente junto da família. A partir de então passaram a cultivar frutas e verduras para vender em pequenos mercados de Foz do Iguaçu, para realizar as entregas José João utilizava o fusca da família, que chegava à cidade abastecido de tomate, repolho, alface, cheiro verde, batata doce, entre outros alimentos. Havia portanto uma relação comercial importante da família Santos que vivia em uma área rural da cidade de São Miguel do Iguaçu, provendo abastecimento para os mercados da área urbana da cidade de Foz do Iguaçu.



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos

Segundo relatam as filhas do casal, José João era uma pessoa que não sabia dizer não para os vizinhos e conhecidos, por isso ele assinou como avalista para no mínimo 4 pessoas que contrataram financiamentos para suas próprias lavouras e para fazer melhorias nos próprios sítios. A família conta que José por conta própria nunca contraiu dívidas, mas em 1986 ele foi responsabilizado pelas dívidas dessas pessoas para quem ele assinou como avalista, pois as mesmas não pagaram seus financiamentos.

“Meu pai e a mãe lutaram tanto, trabalhando muito com o corpo na água lidando com plantação de arroz em fazendas na região de Cambará, Fazenda Paraíso. Juntou o valor com tanto tempo de trabalho e economias para comprar 5 alqueires na região do Apepu. E nós também, na lida com a terra para melhorar a moradia e a roça. E de repente todo o esforço foi tirado deles.”



CAPÍTULO 2

FOZ DO IGUAÇU

Foram 15 anos morando no Apepu e em 1986, a família se viu obrigada a vender as terras para quitar as dívidas alheias, perdendo assim sua fonte de renda, os 5 alqueires de terra foram vendidos para o Sr. Natalino. Neste momento da história, a família se divide, parte vai para Foz do Iguaçu, e parte vai para Pitangas e depois para Nova Tebas, onde o pai de Seu Zé estava morando naquele momento.



Diante das difíceis circunstâncias financeiras da família, em 1987, Maria Serrate sai de Nova Tebas e vai para Foz do Iguaçu também para trabalhar como empregada doméstica em casas de família. No mesmo ano, José também vai para Foz do Iguaçu trabalhar como ajudante geral na Itamon.



Rosana que vai para Foz do Iguaçu, logo começa a trabalhar como empregada doméstica na casa do Sr. Ivan Carvalho, que era engenheiro da Itamon (uma das construtoras responsável pela construção da Hidrelétrica de Itaipu), por indicação da sua cunhada Lourdes que já trabalhava para a família, além de trabalhar, Rosana também morava na casa da família.

A distância entre os membros da família durou pouco mais de um ano, sendo que em 1988, Laíde e os outros filhos e filhas, conseguem migrar para Foz do Iguaçu e passam a morar em uma das casas padrão da Vila C. Neste ano, José começa a cultivar agrião em um espaço coletivo dos funcionários da Itamon, dentro do canteiro de obras da Hidrelétrica de Itaipu, perto do escritório da obra.





Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos

Logo após o início dos cultivos no espaço coletivo dos trabalhadores, José consegue uma autorização do Sr. Ivan Carvalho para usar um terreno de banhado, às margens do Córrego Brasília. Nesse terreno cedido à José, a família Santos, inicia os cuidados com o solo, capinação, drenagem, cultivo e estabelece moradia.

Foi assim que, em Janeiro de 1989, tem início a Horta do Seu Zé e da Dona Laíde. Que durante a década de 90 esteve a todo vapor com a produção de diversas hortaliças, como agrião, alface, couve, repolho, alguns tubérculos, como mandioca, açafrão, alguns pés de frutas e alguns tipos de grãos, como arroz, feijão, café, entre outros alimentos.



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos

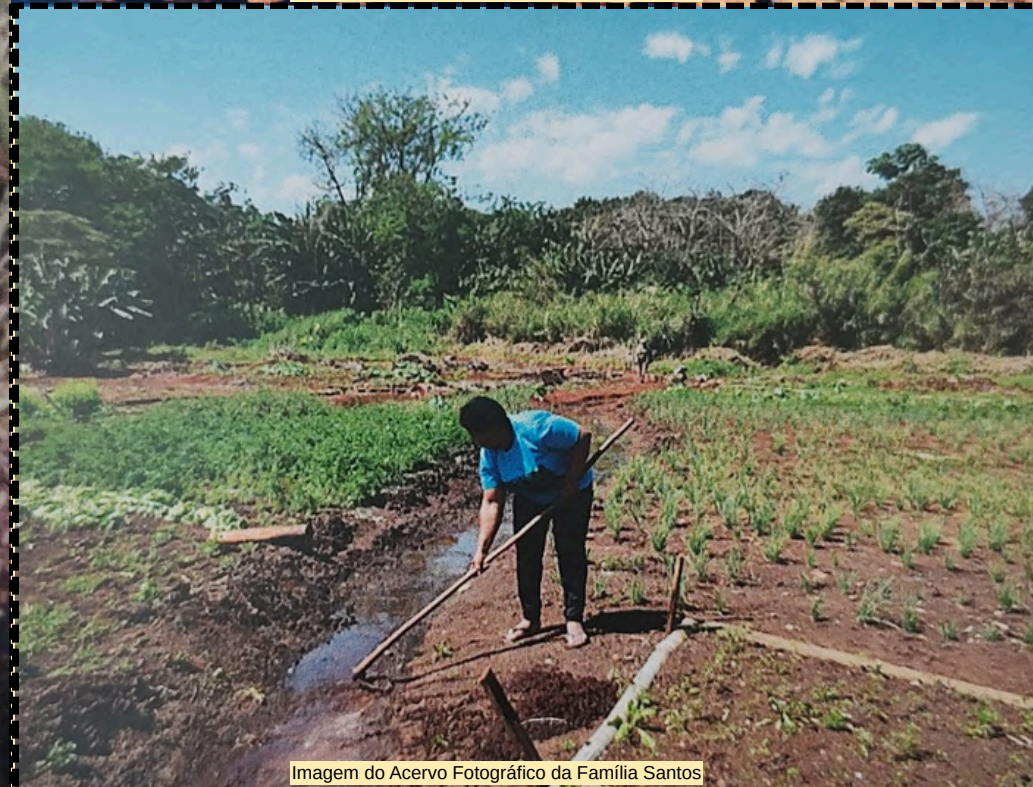


Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos

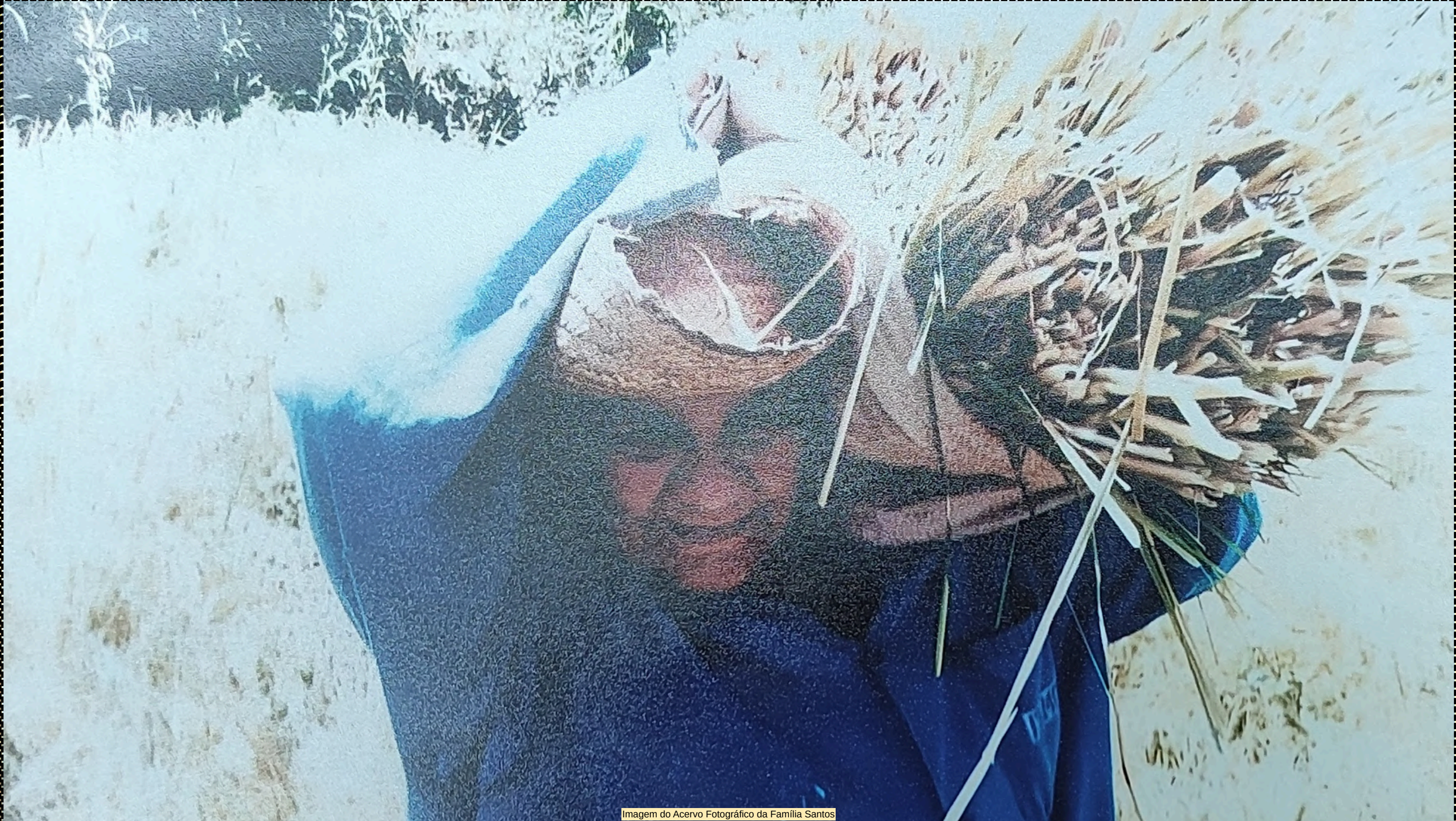


Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos

No fim dos anos 90, surgiu no entorno da quadra onde está localizada a Horta, uma ocupação urbana, que chegou a ter no seu ápice, por volta de 200 casas. Essas pessoas que não tinham onde morar, viram em uma área de mata, que estava abandonada pelo poder público, a possibilidade da construção de moradias. Tal favela ficou conhecida como Favela Aracaju, em referência a rua principal, chamada Rua Aracaju, para a qual estavam voltadas a maioria das casas da ocupação.



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos

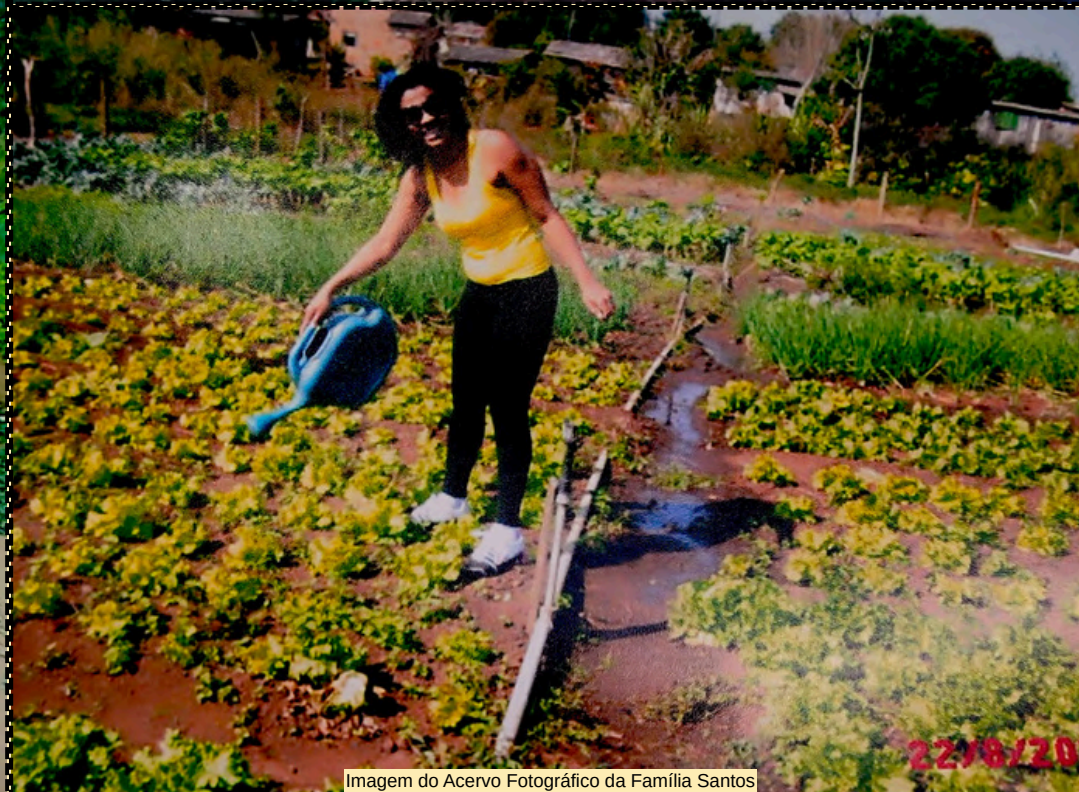


Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos

No início dos anos 2000, o Córrego Brasília começa a acumular muita sujeira, de todo tipo, vinda com as chuvas pelos sistemas de drenagem dos bairros do entorno que deságuam no córrego. Diante dessa situação, a família se viu obrigada a limpar o córrego, pensando na degradação ambiental gerada pelo lixo e também na possibilidade de alagamento da casa principal e anexos utilizados pela família.



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Seu Zé quando criança

Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Seu Zé, em 1958, aos 17 anos, em Jacarezinho

Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Seu Zé ganha de presente de aniversário uma sanfona dos filhos e filhas

Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos

Em 2011, um diagnóstico de câncer abala a família, Seu Zé escondia dores extremamente fortes de toda família. Um dia, Maria Serrate, ao chegar na casa dos pais, que fica junto a Horta, encontrou seu pai sentindo muitas dores, que já não conseguia esconder e o pressiona para contar mais detalhes do que ele está sentindo, ao ouvir os sintomas de seu pai, a mesma já deduz o que pode ser e com a ajuda de um dos seus irmãos, consegue convencer Seu Zé a ir em uma consulta médica no hospital.

Na consulta, diante dos sintomas relatados por Seu Zé, o médico afirma suspeitar de câncer de próstata e solicita diversos exames. Após os exames, o médico confirma o diagnóstico e realiza uma biópsia e mais exames para avaliar a agressividade do câncer, constata-se como maligno, agressivo e já com metástase no cérebro e na coluna, o médico indica a necessidade da realização de uma cirurgia.

Em janeiro de 2012, a cirurgia é realizada e durante o procedimento, verifica-se que não é possível retirar a próstata, apenas “desligá-la”, o que é feito pelos médicos.

Após a cirurgia, Seu Zé se sente muito melhor, continua fazendo o acompanhamento médico, tomando os remédios necessários e segue a vida normalmente.

Entretanto em 2015, o câncer volta ainda mais agressivo e as dores na coluna ficam mais intensas. Após novos exames, o médico indica a realização de quimioterapia, mas infelizmente, Seu Zé vem a falecer em pouquíssimos dias, no mês de outubro de 2015.

Seu Zé, como ficou conhecido, deixou muitas saudades na família e um legado de muitos aprendizados e sonhos que hoje são levados adiante, principalmente, por sua filha Maria Serrate. Ela me conta que um dos sonhos que Seu Zé tinha e que hoje se concretiza, são as visitas de escolas, universidades, cursos técnicos e afins à Horta para a troca de conhecimentos e aprendizados sobre a lida com a terra, plantio, cuidados e colheita; educação ambiental; reflorestamento; agrofloresta; PANCs entre outros conhecimentos.



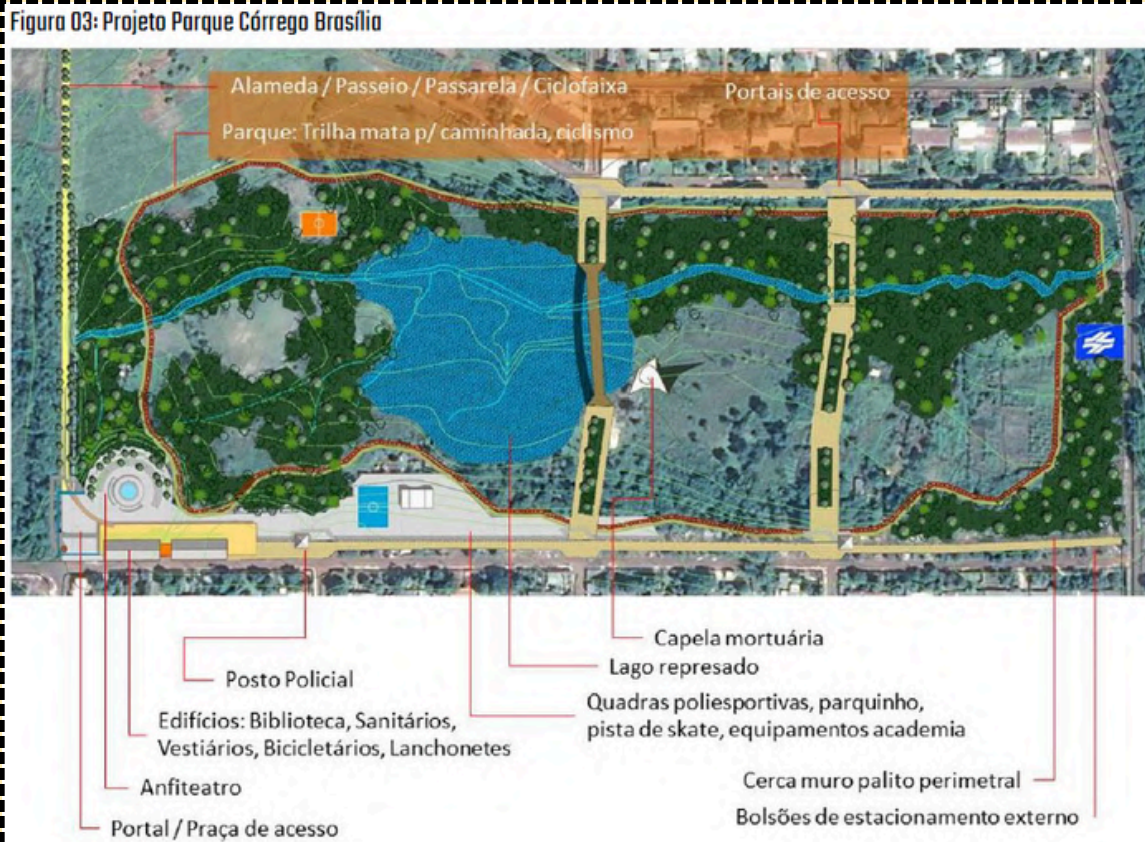
Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Imagem do Acervo Fotográfico da Família Santos



Voltando ao ano de 2013, sem o conhecimento da família Santos, Itaipu Binacional e Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu estabelecem um convênio para remoção das famílias que vivem naquela área, incluindo as 200 casas da Favela Aracaju (localizada no entorno da área), a Horta do Seu Zé e da dona Laíde (no interior da área) e também 3 chácaras que possuíam características rurais, de roça e criação de animais (também no interior dá área). Nesse convênio ficou estabelecido que a Prefeitura seria responsável pela realocação dos moradores bem como pela organização da drenagem da área, como forma de proteção do córrego Brasília. E a Itaipu seria responsável por colocar cercas e calçadas ao redor da área.

Em 2018, a comunidade tradicional junto com outras 03 chácaras e cerca de 20 casas restantes da Favela Aracaju, começaram a sofrer pressões para completar as ações de despejo iniciadas anos atrás pelo processo jurídico nº0024935-66.2018, movido pela Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu para a implantação do parque proposto por Itaipu. Uma semana antes do Natal de 2018, chega para a família da Horta um mandado de reintegração de posse da Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu (PMFI), fato que foi um golpe baixíssimo por parte prefeitura visto que os órgãos públicos, inclusive a defensoria pública, entra em recesso nesse período do ano, dificultando a possibilidade de resposta da família ao processo.

PREFEITURA DO IGUAÇU

Cidade Serviços Órgãos Diário Oficial Concursos Fale Conosco

COMITÊ CÓRREGO BRASÍLIA

Implantado na Secretaria da Agricultura, um comitê para definir ações no Córrego Brasília, localizado entre os bairros Vila "C" Velha e Nova.

31/03/2014

Facebook X LinkedIn WhatsApp

O projeto partiu da Secretaria da Educação e tem parceria com outras secretarias, como Obras, Meio Ambiente, Foz Habita e também a secretaria de Agricultura.

As ações têm como objeto revitalizar o Córrego Brasília para tornar uma área de lazer para a comunidade que vive na região. "A primeira parte do projeto que está em andamento é a regularização de 21 famílias que moram em frente à Rua Aracaju e remoção das demais famílias para o Jardim Almada", comentou o Diretor da Secretaria de Agricultura, Mario Carmo Soares.



Nesse período entra em ação a universidade pública, que através de uma professora do curso de Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), que já tinha proximidade com a família, pois havia realizado visitas e trabalhos acadêmicos no local. A família entra em contato com uma docente, pedindo ajuda com o mandado de despejo e a professora coloca a família em contato com a Escola Popular de Planejamento da Cidade (EPPC-UNILA), na época constituída por pesquisadores, movimentos sociais, escritórios de arquitetura (Hoje Construções Ecológicas), Defensoria Pública do Estado do Paraná (NUFURB), que possibilitaram uma resposta ao processo, adiar a reintegração de posse e abertura de diálogo com a prefeitura. Desde então, foram realizados estudos, propostas de mediação e planos alternativos às remoções.

Durante o ano de 2019 são realizadas algumas feirinhas com as produções da horta para que a Horta ganhasse mais visibilidade nos bairros próximos e estreitasse ainda mais os laços com os moradores do entorno.



Durante a pandemia de covid-19 ocorrida no ano de 2020, foi realizado um movimento via redes sociais chamado #ficadonaLaíde que consistia em fotos de pessoas que tinham conhecimento da história da horta apoiando a permanência da dona laíde no terreno onde se encontra a horta, para isso essas pessoas escreviam um cartaz escrito “Fica Dona Laíde” e postava em suas redes sociais.



O comunidade de chácaras da Vila C, denominada “Horta do seu Zé”, convida toda população de Foz do Iguaçu para conhecer sua produção orgânica de alimentos, como também adquirir esses produtos, no domingo dia 10 de Novembro das 10:00hs as 16:00hs – Rua Aracaju altura do número 124.

Essa comunidade é composta por quatro chácaras, algumas com famílias que moram há 30 anos no local. Estas famílias são responsáveis pelo reflorestamento da área e preservação ambiental do córrego Brasília. Porém, poderão ser despejados para a implantação de um parque na região.

A Escola Popular de Planejamento da Cidade, vem atuando com a Defensoria Pública Estadual em defesa destas famílias, e busca alternativas com a prefeitura para que o parque seja pensado a partir da permanência destes pequenos produtores rurais.

30 ANOS DEDICADOS A RECUPERAÇÃO AMBIENTAL DESSA TERRA. VENHA VALORIZAR ESSA HISTÓRIA!

FEIRA DE PRODUTOS ORGÂNICOS E DOCES CAIPIRAS DA VILA C DIA 10 DE NOVEMBRO

Esse problema foi desencadeado porque na época da remoção das famílias da Favela Aracaju, a casa da família Santos foi considerada uma das casas da ocupação urbana, não reconhecida portanto suas questões culturais próprias, como também a situação de coabitação na ocupação quilombola, ou seja, várias famílias em uma única casa. Assim, Dona Laíde foi obrigada a assinar um contrato habitacional entendendo que estaria recebendo uma casa somente para uma de suas filhas. De acordo com Maria Serrate, filha de Dona Laíde, a mesma não tinha clareza do que estava assinando, pois apenas sabe “desenhar o nome”. Nesse contexto, em meio a uma série de mobilizações avança através da mediação dos apoiadores um novo processo administrativo junto a PMFI, sendo este para criação de um Parque. Esse projeto teve parecer social favorável pelo Foz Habita/PMFI e Secretaria do Meio Ambiente. Pareceres que não representaram avanços significativos, percebendo o impasse, frente a novas pressões de despejo fomentadas pela Procuradoria Geral do Município de Foz do Iguaçu, apresenta em 2023, pela rede de apoio agora ampliada, com agentes políticos da região, uma complementação da primeira proposta, agora para criação de um Parque-Escola Agroecológico, com a permanência das famílias restantes, mas para superar o impasse da cessão de uso para a comunidade, a UNILA seria a beneficiária da cessão de uso.



Essa proposta se assentava na característica natural da comunidade em receber ao longo de anos, voluntariamente, escolas municipais de ensino fundamental da cidade e universidades não só de Foz do Iguaçu mas de outras cidades do Oeste Paranaense. Porém, essa segunda proposta realizada em diálogo com diversos setores da sociedade representantes públicos foi encaminhada pela municipalidade de maneira distorcida como a criação de um Parque Natural Municipal, que por ser de proteção integral estabelece uma série de restrições às práticas cotidianas da comunidade. Em paralelo a tudo isso, a Prefeitura Municipal desenvolveu e implementou um processo que estabelecia Unidades de Conservação em toda a cidade, uma dessas áreas inclui o terreno onde se encontra implementada a Horta e a moradia da Família Santos.



QUILOMBO HORTA DO seu ZÉ^e DA dona LAÍDE



CAPÍTULO 4 O QUILOMBO HORTA

Frente a essa nova condição, as ações de mobilização em prol da permanência da comunidade desenvolvidas a mais de 6 anos ganharam força em 2023, avançando a processos paralelos de organização social para a auto-identificação da comunidade como povo quilombola.

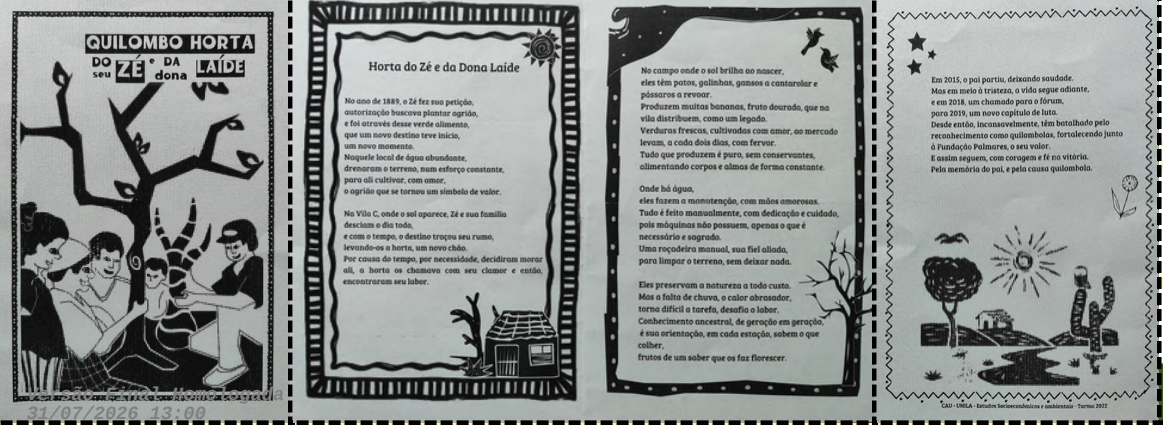
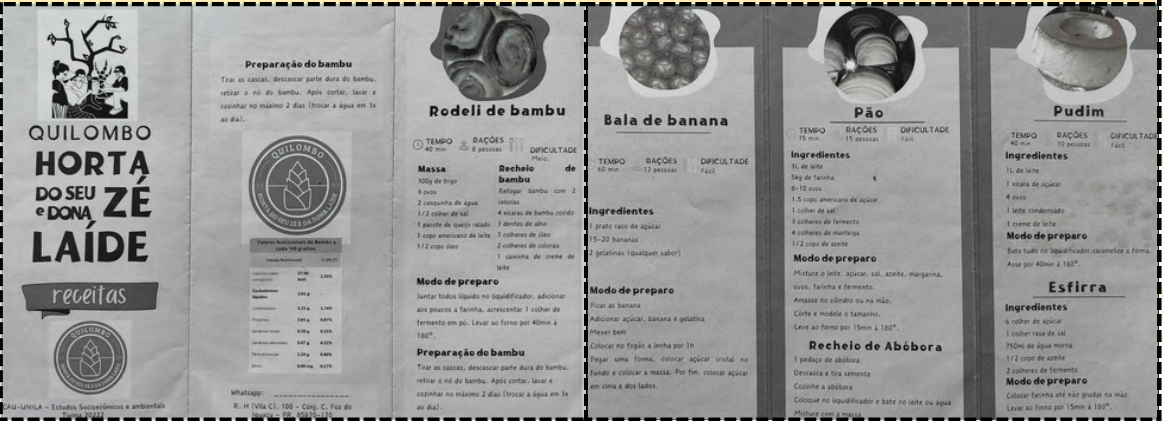
Nesse novo momento é definido em reunião da comunidade com 35 pessoas presentes, sendo 28 pessoas quilombolas, em 10 de setembro de 2023, a necessidade de avançar para a certificação da Fundação Cultural Palmares, sendo esse pedido registrado em dezembro de 2023 pelo processo n. 01420.100702/2024-90.



Com esse passo, mesmo aguardando a certificação, a comunidade passou a ser assistida pela Comissão de Conflitos Fundiários do Tribunal de Justiça do Paraná, pela Superintendência Geral de Diálogo e Interação Social, e pela Diretoria de Igualdade Racial, Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais do Estado do Paraná que visitam sequencialmente a comunidade, como também recebeu apoio do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional frente a importância da manutenção de suas atividades.

Em reunião de mediação realizada no início de 2024 com EPPC, TIPPA, SUDIS, TJPR, DPE, PMFI e comunidade, foi acordada a permanência da comunidade e a adequação da prefeitura a presença do quilombo ao Plano de Manejo do Parque Natural Municipal. A partir destas definições a filha de seu Zé e dona Laíde, Maria Serrate, passou a compor a Comissão Permanente das Unidades de Conservação.

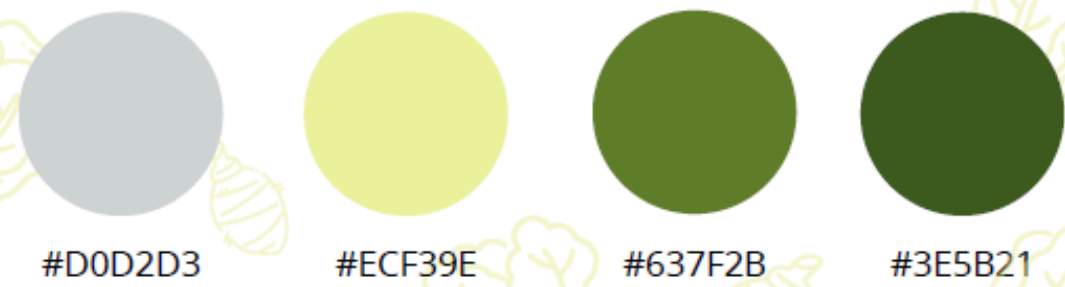
Durante os anos de 2023 e 2024, foi desenvolvido durante atividades do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNILA, alguns materiais para divulgação, comunicação, organização e armazenamento de informações sobre a Horta e a família Santos, como produtos das disciplinas tivemos: um livro de receitas, um cordel, um novo logotipo, paleta de cores, banner para o portal de entrada, criação do acervo virtual no site “favelasbr.com”, realização da pintura da varanda com tintas produzidas com a terra da própria Horta.



Identidade visual

Quilombo Horta do Seu Zé e da Dona Laíde

Paleta de cores



Logomarca



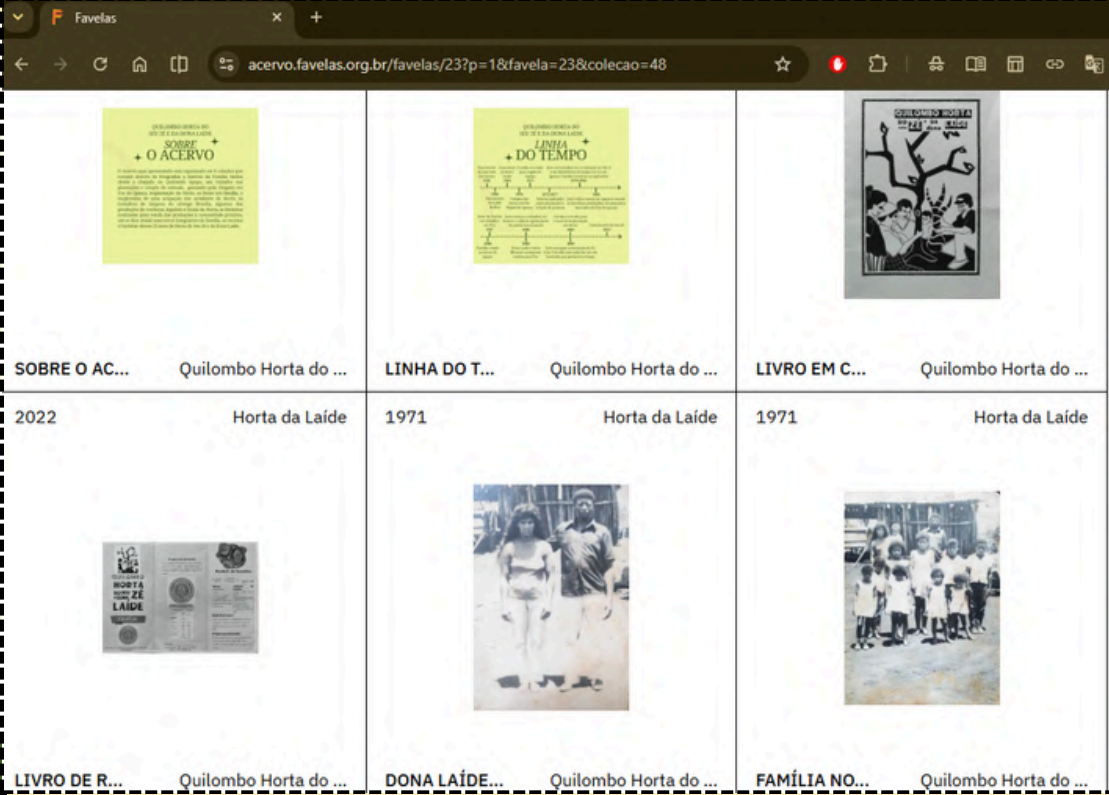
Tipografia

Títulos e destaques: Tufuli Arabic

Títulos de texto: Bree Serif

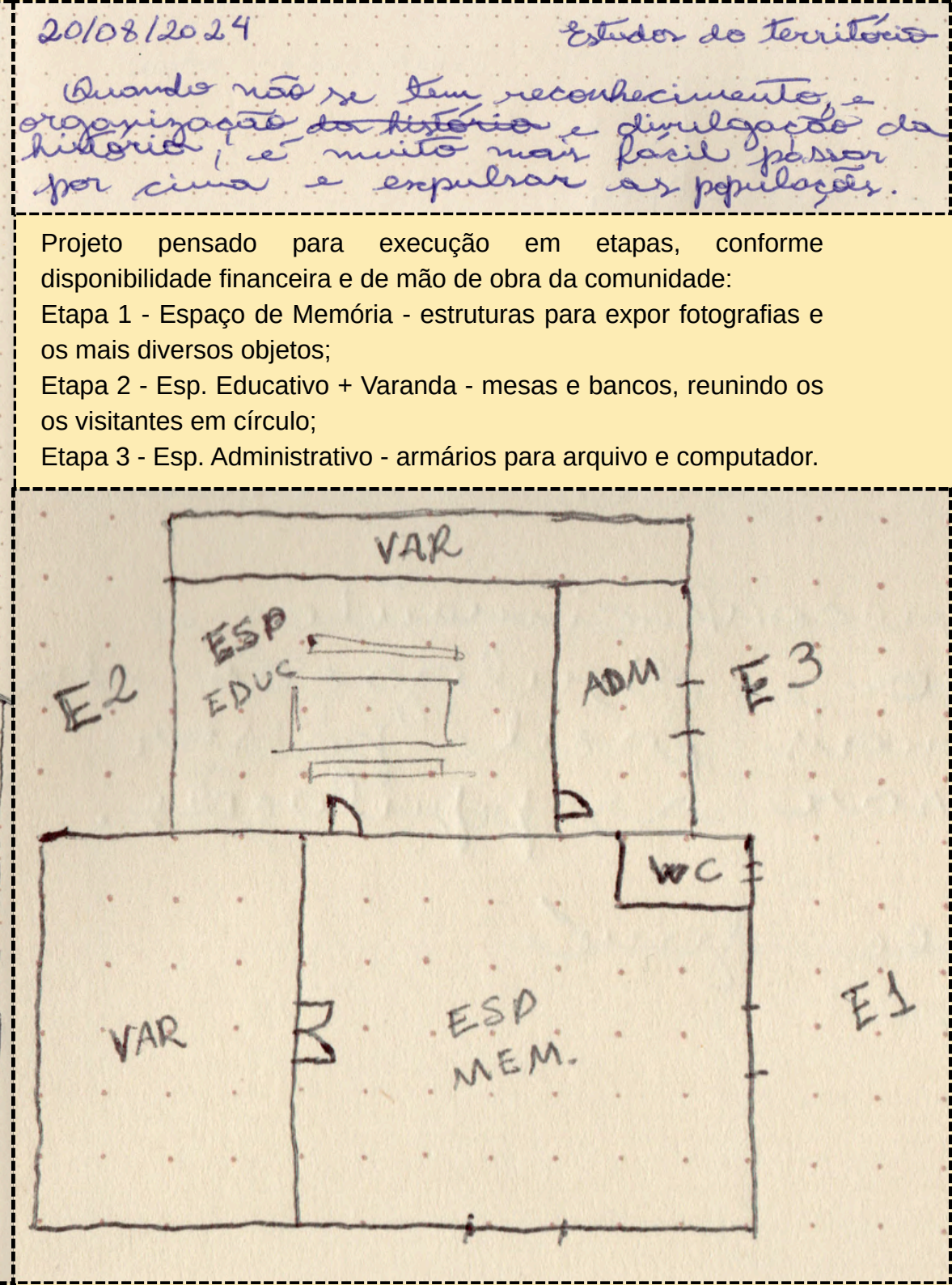
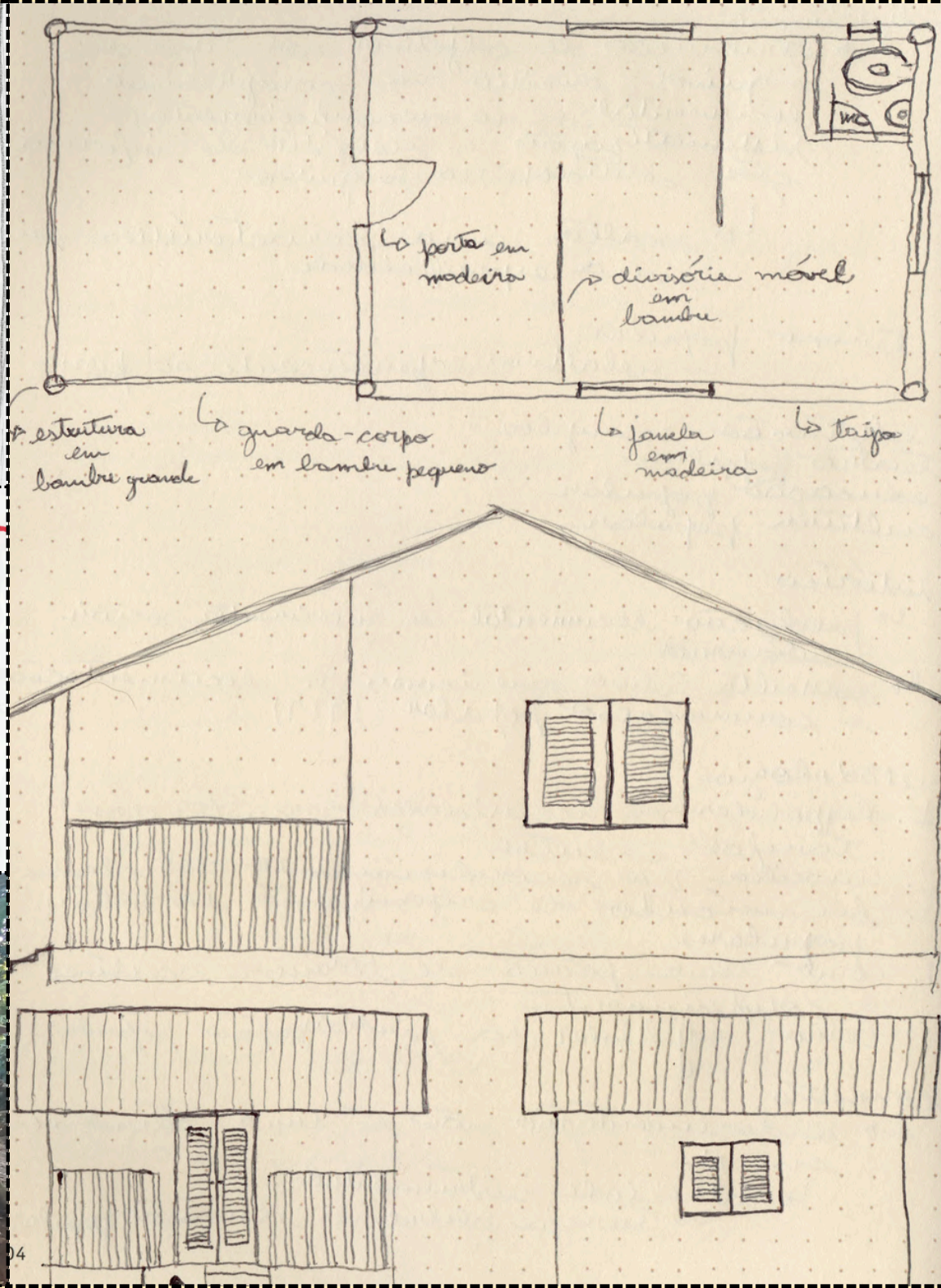
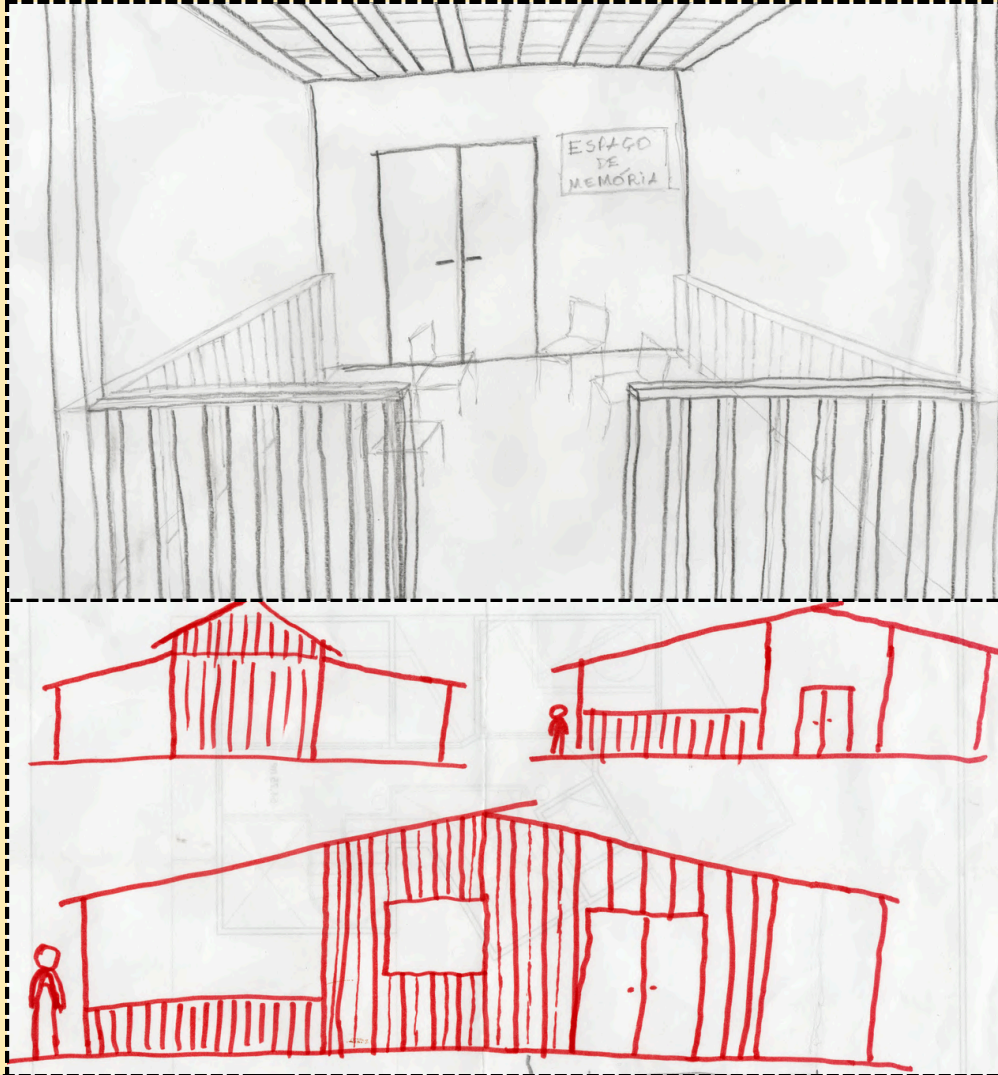
Corpo de texto: Anti Didone

Estudos Socioenômicos e Ambientais CAU - UNILA



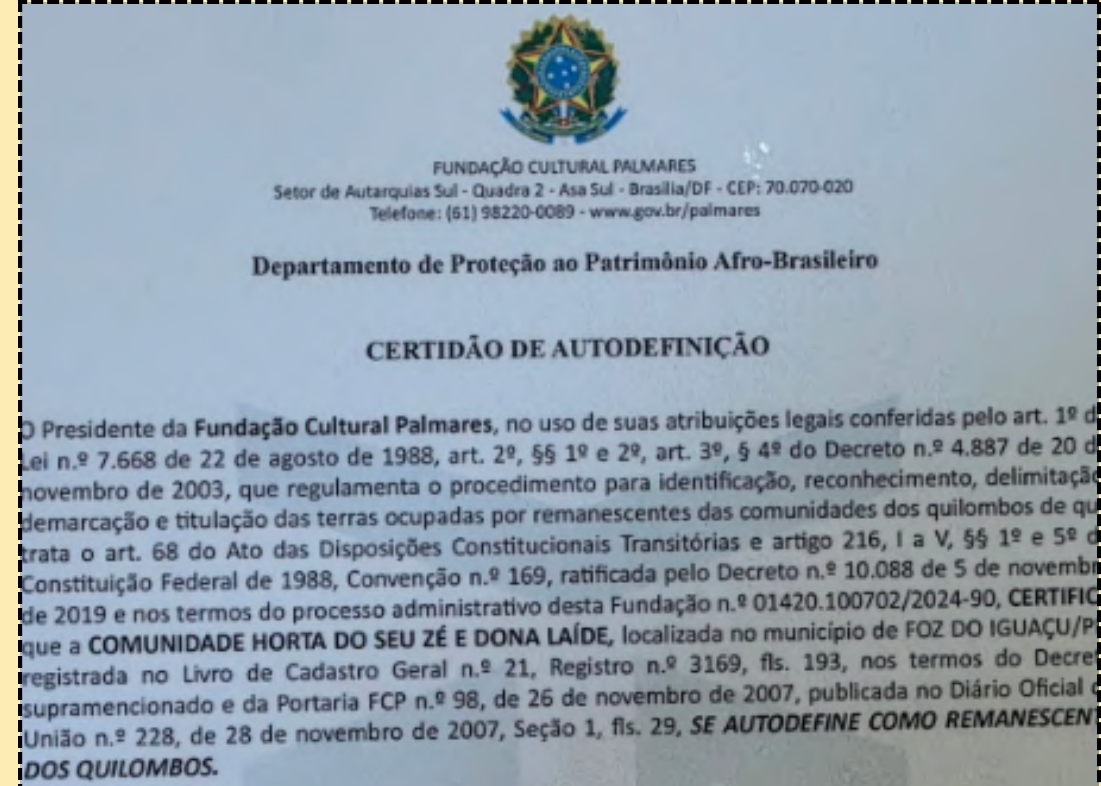
Esboços para o espaço do Museu de Memórias da Família Santos

Foi no próprio percurso da luta pela permanência que a comunidade reconheceu a potência de sua identidade e a força de sua memória coletiva. Hoje, essa identidade não apenas resiste, mas se afirma e se reivindica por meio de um espaço de memória, onde histórias antes silenciadas, encontram lugar para permanecer. Já não basta garantir o direito de ficar: é preciso dizer quem se é, de onde se veio e quais caminhos foram trilhados para que esse território pudesse existir. A permanência, afinal, também se constrói pela memória e é nela que a comunidade inscreve sua história e reafirma seu direito ao futuro. Durante o desenvolvimento deste trabalho, um desejo muito latente da comunidade era a construção de um espaço físico que pudesse armazenar as ferramentas usadas ao longo dos anos, como enxadas, machados, uma estrutura de um carro de boi, o grande acervo fotográfico, entre outros objetos que fizeram parte da história da família. A partir de conversas com Maria Serrate, visitas a Horta, fotos do local, elaborei esses esboços, entre os anos de 2022 e 2024, na intenção de contribuir com ideias para o futuro espaço de museu.



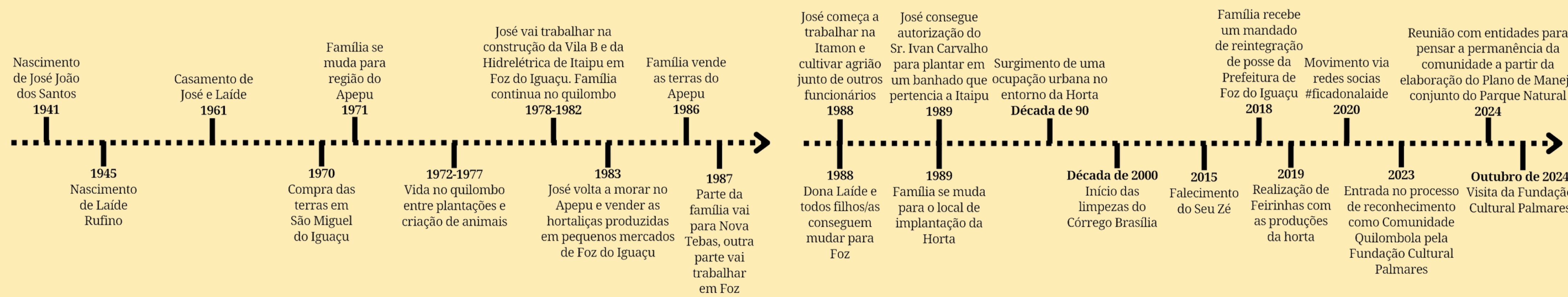
O Início do Reconhecimento

Em outubro de 2024, ocorre a visita de um representante da Fundação Palmares na Horta e em 20 de novembro de 2024, no dia da Consciência Negra, é emitida a certificação da Fundação Cultural Palmares, portanto a Família Santos passa a ser reconhecida como Comunidade Quilombola Horta do Seu Zé e da Dona Laíde, primeira comunidade quilombola da cidade de Foz do Iguaçu.



Em seguida é dada a entrada no processo de demarcação territorial no INCRA, portanto a família continua sem a posse do terreno da Horta, mas continuam firmes na luta para garantir seus direitos e garantir a permanência de Dona Laíde em sua Horta e em sua casa, pois ela e a família já são parte do lugar.

Resumo em Linha do Tempo





CONSIDERAÇÕES FINAIS

O eixo da Arquitetura Social, comprometido com o direito à moradia, o direito à cidade e a condições dignas de habitação e infraestrutura urbana, permanece, ainda hoje, à margem da prática cotidiana da arquitetura e do urbanismo. Trata-se de um campo de atuação frequentemente sustentado pelo compromisso ético de profissionais que, muitas vezes, trabalham de forma voluntária, por organizações da sociedade civil que enfrentam enormes dificuldades para acessar recursos públicos e por universidades, que encontram nas disciplinas, nos projetos de extensão e nas pesquisas um dos poucos espaços possíveis para construir esse fazer coletivo.

As limitações, entretanto, não são apenas financeiras. Atuar ao lado de comunidades populares e tradicionais significa, muitas vezes, enfrentar preconceitos, perseguições e disputas políticas que questionam a própria legitimidade desses territórios. Há quem considere que essas populações "não deveriam estar ali", negando-lhes o direito ao lugar, seja por sua condição socioeconômica, seja, como no caso da comunidade quilombola abordada neste trabalho, pelo racismo estrutural que ainda atravessa a sociedade brasileira e pelas discriminações dirigidas às suas formas de vida, de organização e de espiritualidade. Essas violências silenciosas acabam por afastar muitos profissionais desse campo de atuação, tornando ainda mais escassas as iniciativas comprometidas com a justiça territorial.

Foi justamente nesse percurso que compreendi que o papel da arquitetura não se resume à elaboração de desenhos, planos ou projetos. Antes disso, ela precisa aprender a escutar. Precisa reconhecer os tempos próprios das paisagens, compreender que cada território carrega ritmos, memórias e formas de existir que não

cabem na urgência dos cronogramas ou na objetividade dos instrumentos técnicos. A paisagem não espera apenas intervenções; ela pede leitura, presença e compromisso.

Ao acompanhar a luta da Comunidade Horta do Zé e da Laíde, compreendi que o verdadeiro projeto construído ao longo desta pesquisa não está representado nas pranchas, nos mapas ou nos traçados produzidos. O projeto final é a abertura de horizontes para a continuidade da vida quilombola. É contribuir para que essa comunidade possa seguir existindo, narrando sua própria história e produzindo sua paisagem segundo seus modos de habitar, cultivar e lembrar.

Acompanhar essa luta coletiva também me transformou. Forjou minha maneira de compreender a arquitetura, deslocando-a do lugar da resposta para o lugar da escuta; do desenho como finalidade para o processo como compromisso. Hoje entendo que fazer arquitetura é, antes de tudo, aprender a caminhar no tempo das paisagens, respeitando seus ciclos, suas permanências e suas transformações.

Concluo este trabalho acreditando que a arquitetura e o urbanismo têm muito a aprender quando se aproximam daqueles que historicamente produziram seus territórios à margem das políticas públicas, mas nunca à margem da vida. Que nosso fazer arquitetônico seja capaz de reconhecer essas paisagens como produtoras de conhecimento e que nossos projetos deixem de ser apenas instrumentos de transformação física para se tornarem também gestos de cuidado, permanência e esperança. Afinal, talvez o maior projeto que possamos construir seja aquele que cria condições para que outras vidas continuem florescendo em seus próprios territórios.

QUILOMBO HORTA DO SEU ZÉ E DA DONA LAÍDE



QUILOMBO HORTA DO SEU ZÉ E DA DONA LAÍDE



QUILOMBO HORTA DO SEU ZÉ E DA DONA LAÍDE





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acervo Fotográfico da Família Santos, organizado e mantido por Maria Serrate dos Santos.
- BISPO, Antonio. Colonização, Quilombos: modos e significações. Brasília: UnB, 2015.
- DUARTE, Cristiane Rose; VILLANOVA Roselyne. (org). Novos Olhares Sobre o Lugar: ferramentas e metodologias da arquitetura à antropologia.. Rio de Janeiro. Contra Capa, FAPERJ. 2023.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.
- LITTLE, Paul E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil. Brasília: UnB, 2002.
- Tribunal Internacional de despejos - Brasil - Casos e recomendações.

